

As coisas ruins cooperam para o nosso bem!

Texto bíblico – Atos 25.7-12:

7 Quando Paulo chegou, os judeus que tinham vindo de Jerusalém ficaram em volta dele, fazendo muitas e graves acusações contra ele, as quais, entretanto, não podiam provar.

8 Então Paulo, defendendo-se, disse: — Nenhum pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César.

9 Então Festo, querendo assegurar o apoio dos judeus, perguntou a Paulo: — Você gostaria de ir a Jerusalém e ser ali julgado por mim a respeito destas coisas?

10 Paulo respondeu: — Estou diante do tribunal de César, onde convém que eu seja julgado. Não fiz mal nenhum aos judeus, como o senhor sabe muito bem.

11 Se de fato pratiquei algum mal ou crime digno de morte, estou pronto para morrer. Se, pelo contrário, não são verdadeiras as coisas de que me acusam, ninguém pode me entregar a eles. Apelo para César.

12 Então Festo, tendo falado com o conselho, respondeu: — Já que apelou para César, para César você irá.

Amados, como todos sabem, o texto que lemos é uma parte do relato da luta travada pelo Apóstolo Paulo contra os seus acusadores, oriundos de Jerusalém, que queriam vê-lo morto e, para tanto, armavam conspirações contra ele.

Especificamente no episódio que lemos, um novo governador havia assumido o governo de Cesareia, e, três dias depois de sua assunção do cargo, foi até Jerusalém. Na ocasião, os principais sacerdotes e os maiores dos judeus vislumbraram uma oportunidade de darem sequência ao plano que tinham formulado para tirarem a vida do Apóstolo Paulo. Então eles foram até o governador com este objetivo, conforme podemos ler nos versículos 2º e 3º:

2 E, logo, os principais sacerdotes e os maiores dos judeus lhe apresentaram queixa a respeito de Paulo.

3 Contra ele, pediram a Festo o favor de mandar que ele fosse trazido a Jerusalém. É que eles tinham armado uma emboscada para matar Paulo no caminho.

O governador respondeu que o Apóstolo Paulo permaneceria preso em Cesareia e quem quisesse acusá-lo, que fosse até lá. E, de fato, isto ocorreu. Oito ou dez dias depois, Festo voltou para Cesareia e mandou que apresentassem o Apóstolo Paulo para dar sequência ao julgamento.

De se ressaltar que o Apóstolo já se encontrava preso há mais de dois anos e, por óbvio, sempre que era levado à presença daquele que tinha a missão de julgá-lo, esperava que fosse prolatada sentença em seu favor. Entendo que não foi diferente naquele dia.

No entanto, ao se apresentar ao governador, o Apóstolo Paulo percebeu que os seus acusadores estavam presentes não apenas como expectadores, mas como acusadores que queriam agravar ainda mais a situação, conforme consta no versículo sétimo:

7 Quando Paulo chegou, os judeus que tinham vindo de Jerusalém ficaram em volta dele, fazendo muitas e graves acusações contra ele, as quais, entretanto, não podiam provar.

Ele, obviamente, iniciou sua defesa, mas foi surpreendido com uma pergunta formulada pelo governador (versículo nono):

9 Então Festo, querendo assegurar o apoio dos judeus, perguntou a Paulo: — Você gostaria de ir a Jerusalém e ser ali julgado por mim a respeito destas coisas?

Ora! Para quem estava preso há cerca de dois anos e esperava um julgamento justo, referida pergunta era não apenas inesperada, mas representava uma sentença de morte, pois o Apóstolo tinha conhecimento do pacto que os judeus haviam feito para tirar-lhe a vida. Aliás, foi justamente por ter tomado conhecimento do referido pacto, por meio de seu sobrinho, que o Apóstolo foi transferido de Jerusalém para Cesareia.

Naquele momento, ele se viu obrigado a apelar para ser julgado pelo Imperador (o que exauria a jurisdição do governador. Tanto que dias depois, o rei Agripa foi visitar o governador e, após ouvir o Apóstolo, em conversa com Festo, concluiu pela inocência do réu, mas nada podia fazer, por causa do apelo outrora formulado¹):

Amados, este episódio nos ensina que, em muitos momentos de nossas vidas, temos que escolher entre a situação pior e a menos ruim. Quantas vezes não somos forçados a optar por uma consequência, pois a outra opção é ainda pior?

E muitas vezes, nesses momentos, somos tentados a perguntar: “por quê?”; “onde está Deus que não nos socorre?”. “Como uma situação dessas pode contribuir para o meu bem?”.

No entanto, meus amados irmãos, as respostas para esses questionamentos não estão na situação que estamos vivenciando. Alguém poderia dizer: “a resposta seria Deus mudar a situação”. Não! A resposta está em conhecer os propósitos do Senhor. E isto passa pelo relacionamento com Ele.

O Apóstolo Paulo tinha relacionamento com Deus e, por isto, conhecia os propósitos Dele. Não importava a forma como as coisas estavam acontecendo; não importava os meios que o Senhor estava utilizando. Ele sabia onde tudo aquilo iria desaguar.

¹ “Então Agripa se dirigiu a Festo e disse: — Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César” (Atos 26.32).

Ainda quando estava preso em Jerusalém, antes de ser informado sobre a conspiração para tirar-lhe a vida, o Senhor havia falado com ele. Observem a narrativa constante no capítulo 23, versículo onze:

Na noite seguinte, o Senhor, pondo-se ao lado de Paulo, disse:
— Coragem! Pois assim como você deu testemunho a meu respeito em Jerusalém, é necessário que você testemunhe também em Roma.

Que relato lindo! “o Senhor, pondo-se ao lado de Paulo, disse: ...”. O Apóstolo não tinha conhecimento do Senhor de “ouvir dizer”. Ele tinha intimidade com o Deus Eterno. O Senhor se colocava ao lado dele. Por isto, conhecia os Seus planos.

Sempre digo que a fé que devemos colocar em prática nas nossas vidas cotidianas, de cristãos, é antes de tudo uma fé racional; uma fé que não está arraigada em misticismos, ou em pensamento positivo. Não é uma fé irresponsável, que nos impulsiona a dar “saltos no escuro”. Trata-se de uma fé que deriva do conhecimento de Deus e nos leva a raciocinar.

O autor da Carta aos Hebreus, quando discorre sobre os heróis da fé, se reportando a Abraão, assim escreveu (Hebreus 11.18-19):

17 Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque. Aquele que acolheu as promessas de Deus estava a ponto de sacrificar o seu único filho,
18 do qual havia sido dito: "A sua descendência virá por meio de Isaque."
19 Abraão considerou que Deus era poderoso até para ressuscitar Isaque dentre os mortos, de onde também figuradamente o recebeu de volta.

Vejam que ele discorre sobre a fé racional que Abraão teve. Deus havia lhe dito que a descendência dele seria por meio de Isaque (v. 18). No entanto, Deus lhe pediu que sacrificasse Isaque ainda quando ele era, possivelmente, imberbe, sem que tivesse gerado nenhum filho. Então Abraão raciocinou: “Bom! Deus me prometeu que a minha descendência virá através de Isaque. Então, se está me pedindo para sacrificar o meu filho, Ele tem poder para ressuscitá-lo e, certamente, o fará”.

O mesmo raciocínio foi feito por Sara quando recebeu do Senhor a promessa de que, mesmo sendo estéril, iria dar a luz a um filho. O referido autor da Carta aos Hebreus assim discorre sobre ela (Hebreus 11.11):

Pela fé, também, a própria Sara, apesar de não poder ter filhos e já ser idosa, recebeu poder para ser mãe, pois considerou fiel aquele que lhe havia feito a promessa.

Mesmo duvidando inicialmente, ela tinha conhecimento de Deus e sabia que Ele é fiel. Isto foi suficiente para que Deus lhe desse “poder para ser mãe”.

O Apóstolo Paulo agiu da mesma forma. Apesar de ter que decidir pela situação menos ruim (quando esperava ser solto), sabia que o Senhor lhe havia prometido que ele iria dar testemunho em Roma. Então, não havia por que titubear.

As promessas do Senhor não falham amados. Então, mesmo em meio a situações contrárias, elas cooperam para o nosso bem porque nos ensinam a crer na fidelidade do Senhor.

Ademais, a soltura do Apóstolo, naquele momento, significaria uma Sentença de morte para ele, pois se os judeus estavam tentando matá-lo, mesmo sob escolta, se ele fosse solto eles não hesitariam em dar sequência ao plano outrora combinado.

Dias após, quando embarcou num navio com destino à Roma, o Apóstolo foi surpreendido com uma tempestade que ameaçava afundar o barco. O Apóstolo tinha certeza de que o naufrágio não ocorreria, pois se ocorresse, a promessa de Deus falharia.

Mas ele, quando escreveu a 2ª carta aos Coríntios, disse o seguinte (2ª Coríntios 4.8-9):

8 Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; ficamos perplexos, porém não desanimados;
9 somos perseguidos, porém não abandonados; somos derrubados, porém não destruídos.

Mesmo tendo esta confiança, nos momentos difíceis da navegação, Deus enviou seu anjo para tranquilizar o Apóstolo Paulo, dizendo-lhe para não ter medo, conforme consta no relato do capítulo 27 (versículos 23 a 25):

23 Porque, esta mesma noite, um anjo do Deus a quem pertenco e a quem sirvo, esteve comigo,
24 dizendo: "Paulo, não tenha medo! É preciso que você compareça diante de César, e eis que Deus, por sua graça, lhe deu todos os que navegam com você."
25 Portanto, senhores, tenham coragem! **Pois eu confio em Deus que tudo vai acontecer conforme me foi dito.**

Que relato lindo, amados! “Eu confio em Deus que tudo vai acontecer conforme me foi dito”. Não se tratava de uma fé baseada em pensamento positivo, mas na confiança que ele tinha no Deus com quem mantinha relacionamento.

Finalmente, após uma estada na ilha de Malta, o Apóstolo chegou à Roma e, lá recebeu permissão para ficar em prisão domiciliar, “tendo em sua companhia o soldado que o guardava” (Atos 28.16). Ali ele permaneceu por dois anos “onde recebia todos os que

o procuravam” e “Pregava o Reino de Deus, e, com toda a ousadia, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum” (Atos 28.30-31).

Observem, irmãos, que o propósito para o qual o Apóstolo Paulo foi chamado (pregar aos gentios) se cumpriu em todos os momentos durante a sua prisão. Quando ainda estava em Cesareia, teve a oportunidade de falar para governadores e para o rei e sua esposa. Quando viajou para Roma, no navio, deu testemunho sobre o Senhor e, uma vez em Roma, pregou sobre o Reino de Deus a todos que o procuravam, inclusive, para os soldados de Roma.

Durante a sua prisão, ele escreveu a Carta aos Filipenses e, em determinado momento informou o seguinte (Filipenses 1.12-13):

12 Quero ainda, irmãos, que saibam que as coisas que me aconteceram **têm até contribuído para o progresso do evangelho,**
13 de maneira que **toda a guarda pretoriana e todos os demais sabem que estou preso por causa de Cristo.**

Inferimos, portanto, que as coisas ruins que aconteceram ao Apóstolo contribuíram para o seu bem, pois a vocação dele foi plenamente colocada em prática durante aquela prisão injusta.

O que podemos inferir deste relato?

1) Muitos têm vocação para atuarem na área da saúde (Médicos, Enfermeiros, Técnicos em Enfermagem, Odontólogos etc.); outros são chamados para serem Professores. Há aqueles que são vocacionados para o Ministério pastoral; há também os que são chamados para serem Engenheiros, Arquitetos, Advogados, Empreendedores, Músicos etc.. Há, também, os que recebem um chamado missionário, e, em determinadas ocasiões, todos, não entendem o porquê de enfrentarem dificuldades aparentemente sem causa.

Ocorre que essas dificuldades contribuem para o exercício da missão que lhes foi confiada; para que aproveitem a oportunidade para servirem aos outros e, fazendo isto, cumpram o objetivo de suas vocações. Significa dizer que as suas habilidades devem ser canalizadas para agradar a Deus, que lhes vocacionou para o cumprimento de uma missão.

As dificuldades nos ajudam a deixar de olhar para nós e olhar para os objetivos para os quais fomos vocacionados.

2) As “coisas ruins” contribuem para fortalecer a nossa fé. Em meio a elas, percebemos que Deus não nos deixa solitários e que, mesmo que as aparências nos façam pensar o contrário, as promessas de Deus sempre se cumprem. Isto nos faz fortes e confiantes no Eterno.

O Senhor Deus prometeu ao povo israelita que iria lhes levar para a terra prometida. Quando lá chegou, o povo teve que enfrentar guerras contra os habitantes daquele

lugar. Entretanto, após vencerem as guerras, consta no Livro de Josué que Deus não deixou de cumprir suas promessas. Observem (Josué 21.44-45):

44 O Senhor lhes deu repouso ao redor, segundo tudo o que havia jurado a seus pais. Nenhum de todos os seus inimigos resistiu diante deles; a todos eles o Senhor entregou nas mãos dos filhos de Israel.

45 Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o Senhor havia falado à casa de Israel; **tudo se cumpriu**.

Guerras, tristezas, decepções e tantas outras situações destoantes das promessas que o Senhor havia feito. No entanto, ao final, Josué pôde dizer: “Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o Senhor havia falado à casa de Israel; **tudo se cumpriu**”.

Podemos afirmar, com certeza, que a fé daquele povo foi alimentada e todos puderam ver a ação de Deus em meio às dificuldades.

Tanto é assim que, ao término de sua vida, Josué reuniu o povo e lhe propôs que jogassem fora os deuses que os pais deles serviram do outro lado do Eufrates e no Egito e servissem o Senhor (Josué 24.14). A resposta do povo foi a seguinte:

16 Então o povo respondeu: — Longe de nós abandonar o Senhor para servir outros deuses!

17 Porque o Senhor é o nosso Deus. Ele é quem nos tirou, a nós e aos nossos pais, da terra do Egito, da casa da servidão. Ele é quem fez estes grandes sinais aos nossos olhos e nos guardou por todo o caminho em que andamos e entre todos os povos pelo meio dos quais passamos.

18 O Senhor expulsou de diante de nós todas estas gentes, até o amorreu, morador da terra. Portanto, nós também serviremos o Senhor, pois ele é o nosso Deus.

Aquele povo teve a fé no Senhor fortalecida em meio às dificuldades.

3) Não adianta querer ligar os pontos no momento que as “coisas” ocorrem. Isto nos leva a tirar os olhos de Deus e daquilo que Ele está fazendo. Muitas vezes, em meio às dificuldades, tentamos enxergar o que está ocorrendo; onde falhamos; qual a razão de tantas dificuldades; mas não olhamos para Deus. Queremos ver entender tudo, de forma lógica e esquecemos que a vida cristã não se guia pelo que vê. O mesmo Apóstolo Paulo, ao escrever aos Coríntios, assim se expressou (2ª Coríntios 5.7):

Porque andamos por fé e não pelo que vemos.

O que temos que fazer é crer no Senhor e isto só ocorre se tivermos relacionamento com Ele. As “coisas” ruins servem para nos aproximar de Deus, pois é em meio a elas que recorremos ao Senhor.

Sejam abençoados.